

OS MESTRES

ANNIE BESANT

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O HOMEM PERFEITO

HOMEM PERFEITO: UM ELO NA CORRENTE DA EVOLUÇÃO

ORDENS EXTERNAS E INTERNAS

A PRIMEIRA INICIAÇÃO

A SEGUNDA INICIAÇÃO

A TERCEIRA INICIAÇÃO

A NOITE ESCURA DA ALMA

A GLÓRIA DA PERFEIÇÃO

O IDEAL INSPIRADOR

OS MESTRES COMO FATOS E IDEAIS

O TESTEMUNHO DAS RELIGIÕES

UMA TEORIA

EVIDÊNCIA HISTÓRICA

EXPERIÊNCIA DIRETA

COMO PODEMOS ENCONTRAR OS MESTRES?

H. P. BLAVATSKY

"A DOCTRINA SECRETA"

'A VOZ DO SILÊNCIO

CONHECIMENTO PESSOAL

O CAMINHO À INICIAÇÃO

REENCARNAÇÃO

VIVER NOBREMENTE

FRATERNIDADE

A PERCEPÇÃO DA UNIDADE

UM IDEAL SUBLIME

OS INICIADOS

QUEM É O MESTRE?

O HOMEM PERFEITO, SEU LUGAR NA EVOLUÇÃO

ONDE VIVEM?

SEU TRABALHO

INTRODUÇÃO

A imagem dos Mestres, os Irmãos mais Velhos da Humanidade, sempre produz uma emoção à alma humana e quaisquer palavras a respeito deles são acolhidas com afeição e prazer. A idéia de haver qualquer coisa ilógica na concepção desses Seres notáveis, desses Homens aperfeiçoados, está praticamente extinta no Ocidente, como se nunca houvesse existido. Compreende-se, agora, que a existência de tais Seres é natural e que, dada a evolução, tais produtos superiores são uma necessidade natural. Muitos estão começando a encontrar nas grandes figuras do passado uma evidência de que tais Homens existem, e como o bom senso os reconhece no passado, cresce a esperança de encontrá-los no presente.

Além disso, há cada vez mais pessoas entre nós, tanto no Oriente como no Ocidente, que conseguiram encontrar os Mestres; assim sendo, qualquer dúvida a respeito de sua existência foi para sempre dissipada de suas mentes. O Caminho até eles está aberto, e aqueles que procuram encontrarão.

Que este livrinho possa estimular em alguns a busca por esses Mestres notáveis. Eu, que os conheço, não posso prestar serviço maior a meus irmãos do que incitá-los a iniciarem uma busca que lhes proporcionará uma recompensa indescritível.

Annie Besant

O HOMEM PERFEITO: UM ELO NA CORRENTE DA EVOLUÇÃO

Há uma etapa, na evolução humana, imediatamente anterior à meta do esforço humano, que, uma vez atravessada, o homem, enquanto homem, não tem mais nada a realizar. Ele torna-se perfeito; sua carreira humana terminou. As grandes religiões dão nomes diferentes a esse Homem Perfeito, mas, qualquer que seja o nome, o conceito é o mesmo; Ele é Mitra, Osíris, Krishna, Buda ou Cristo, mas sempre simboliza o Homem que se tornou perfeito. Ele não pertence a uma única religião, nação ou família humana; não está limitado por um único credo; em todo lugar ele é o mais nobre, o mais perfeito ideal. Todas as religiões o proclamam; todos os credos têm nele sua justificação; ele é o ideal pelo qual se esforçam todas as crenças, e cada religião cumpre sua missão com maior ou menor eficiência, conforme a clareza com que ilumina e a precisão com que ensina o caminho pelo qual ele pode ser alcançado.

O nome de Cristo, atribuído ao Homem Perfeito pelos Cristãos, designa mais um estado do que o nome de um homem. "Cristo em você, a esperança da glória", é o pensamento do mestre Cristão. Os homens, no longo percurso da evolução, atingem o estado de Cristo, pois todos concluem com o tempo a peregrinação secular, e aquele que especialmente no Ocidente está conectado a esse nome é um dos "Filhos de Deus", que atingiram o objetivo final da humanidade. A palavra sempre trouxe consigo a conotação de um estado: "o sagrado". Todos devem atingir esse estado: "Olhai dentro de ti; tu és Buda". "Até que o Cristo surja em ti".

Assim como aquele que deseja tornar-se músico, deveria ouvir as obras-primas dessa arte e mergulhar nas melodias dos grandes mestres da música, deveríamos nós, filhos da humanidade, erguer nossos olhos e nossos corações, em contemplação constantemente renovada, para as montanhas onde habitam os Homens Perfeitos da nossa raça. O que nós- somos, eles já foram; o que eles são, nós seremos. Todos os filhos dos homens podem fazer o que um Filho do Homem já fez, e vemos neles a garantia do nosso próprio triunfo; o desenvolvimento de semelhante divindade em nós

é apenas uma questão de evolução.

ORDENS EXTERNAS E INTERNAS

Algumas vezes tenho dividido a evolução interior em três estados: submoral, moral e supermoral; submoral, onde não é percebida a diferença entre o certo e o errado, e o homem atende aos seus desejos sem questionamentos, sem escrúpulos; moral, onde o certo e o errado são percebidos, tornando-se cada vez mais precisos e inclusivos, e esforça-se por obedecer às leis; supermoral, onde a lei externa é transcendida, pois a natureza divina dita suas próprias leis. No estado moral, a lei é reconhecida como uma barreira legítima, uma restrição salutar; "Faça isto"; "Evite aquilo"; o homem esforça-se por obedecer, havendo uma batalha constante entre as naturezas superior e inferior. No estado supermoral, a vida divina que há no homem encontra sua expressão natural sem orientação externa; ele ama, não porque deva amar mas porque ele é amor. Citando as nobres palavras de um Iniciado Cristão, ele age "não em obediência às leis mundanas, mas pelo poder de uma vida eterna". A moralidade é transcendida quando todos os poderes do homem voltam-se para o bem, assim como a agulha magnética volta-se para o Norte; quando a divindade do homem procura sempre o melhor para todos. Não há mais luta, pois a batalha está vencida; só após ter-se tornado o Cristo triunfante, o Mestre da vida e da morte, o Cristo terá atingido seu estado de perfeição.

A PRIMEIRA INICIAÇÃO

Através da primeira das grandes Iniciações penetra-se nesse estado de vida de Cristo, vida de Buda; nela o Iniciado é a "criancinha", às vezes o "bebê", às vezes a "criancinha de três anos". O homem deve "recobrar o estado de criança que ele perdeu"; deve "tornar-se uma criancinha" a fim de "penetrar no reinado divino". Atravessando esse portal, ele nasce na vida de Cristo e, trilhando o "caminho da Cruz", continua avançando pelas sucessivas passagens ao longo do Caminho; finalmente, liberta-se, em definitivo, da vida de limitações e da escravidão, morre para viver na eternidade, tomando consciência de si mesmo como vida em vez de forma.

Não resta dúvida de que, no Cristianismo primitivo, essa etapa da evolução era definitivamente reconhecida como sendo uma etapa anterior a todos os indivíduos cristãos. A ansiedade expressada por São Paulo ao afirmar que Cristo poderia nascer em seus convertidos é prova suficiente desse fato, deixando de lado outras passagens que poderiam ser citadas. Mesmo que essa frase fosse a única, bastaria para demonstrar que, no ideal Cristão, o estado-Cristo era considerado como uma condição interior, a fase final da evolução de todo crente. Seria aconselhável que os Cristãos reconhecessem isso e não considerassem a vida do discípulo, que culmina no Homem Perfeito, como um espécime exótico cultivado no Ocidente e só considerado nativo das distantes terras do Oriente. Esse ideal faz parte de todo Cristianismo verdadeiro e espiritual, e o nascimento do Cristo em cada alma Cristã é o objetivo da doutrina Cristã. A mera finalidade da religião é a de provocar esse

nascimento e, se por algum motivo, tal ensino místico fosse retirado do Cristianismo, essa fé não mais poderia elevar à divindade aqueles que a professam.

A primeira das grandes Iniciações é o nascimento do Cristo, do Buda, na consciência humana, a transcendência da consciência-do-eu, a queda das limitações. fato conhecido por todos os estudantes a existência de quatro etapas de desenvolvimento, entre o homem inteiramente bom e o Mestre triunfante, que devem ser superadas para atingir-se o estado-Cristo. Principia-se cada uma delas por uma Iniciação e, através dessas etapas da evolução, a consciência deve expandir-se, crescer, atingindo os limites possíveis dentro das restrições impostas pelo corpo humano. Na primeira etapa, a mudança experimentada é o despertar da consciência no mundo espiritual, no qual ela se identifica com a vida, deixando de fazê-lo com as formas em que a vida possa estar, no momento, aprisionada. Esse despertar caracteriza-se por uma sensação de súbita expansão e de estar ultrapassando os limites habituais da vida, pelo reconhecimento de um Eu, divino e magnificente, que é vida e não forma, alegria e não tristeza; a sensação de uma paz maravilhosa, muito além de tudo aquilo que o mundo possa sonhar. Com a queda das limitações surge uma intensificação da vida, como se esta fluísse por todos os lados regozijando-se pelas barreiras removidas, uma sensação de realidade tão intensa que toda vida corporificada chega a parecer-se com a morte, e a luminosidade terrena, com a escuridão. É uma expansão tão maravilhosa em sua essência, que a consciência sente-se como se nunca antes tivesse conhecido a si mesma, pois tudo aquilo que observara conscientemente parece, na presença dessa vida transbordante, ter sido inconscientemente. A autoconsciência, que começou a germinar na infância, desenvolve-se, cresce e expande-se sempre dentro dos limites da forma, imaginando a si mesma como uma parte separada, sentindo sempre o "eu", falando sempre de "mim" e do "meu". Essa autoconsciência, subitamente, sente todos os eus como Eu e todas as formas como uma propriedade em comum. Percebe que as limitações eram necessárias para poder-se construir um núcleo de individualidade no qual a auto-identidade pudesse persistir, e, ao mesmo tempo, sente que a forma é apenas um instrumento que ela, a consciência viva, utiliza enquanto é uma só em meio a todas essas vidas. Conhece o verdadeiro significado da frase, freqüentemente citada, a "unidade da humanidade" e sente o que significa viver em todas essas vidas e movimentos; e essa consciência vem acompanhada por uma imensa alegria, a alegria da vida, que, mesmo em seus tímidos reflexos sobre a terra, é um dos mais intensos êxtases experimentados pelo homem. A unidade não é apenas percebida pelo intelecto, mas é sentida como satisfazendo o anelo de unidade conhecido por aqueles que já amaram; é um sentimento de unidade que vem de dentro, não podendo ser visto de fora. Não é uma concepção, mas uma vida.

O nascimento do Cristo no homem foi retratado em muitos escritos do passado, sempre havendo harmonia entre eles. Todavia, embora todas as palavras se moldem ao mundo das formas, mostram-se insuficientes quando sobrepostas ao mundo da vida.

Porém, a criança deve transformar-se no homem perfeito, e há muito a ser feito,

muitos aborrecimentos a serem enfrentados, muito sofrimento a ser suportado, muitas batalhas a serem travadas e muitos obstáculos a serem vencidos, antes que o Cristo nascido na fraqueza da infância atinja o estado de Homem Perfeito. Terá que trabalhar entre seus irmãos, enfrentar o ridículo e a suspeita, ouvir mensagens de desprezo; haverá a agonia do abandono, a paixão da cruz e a escuridão da tumba. Tudo isto encontra-se diante dele no caminho iniciado.

Através da prática constante, o discípulo deve aprender a assimilar a consciência dos outros e a centrar sua própria consciência na vida e não na forma, de modo que possa passar além da "heresia da separação" que o faz considerar os outros como diferentes dele próprio. Deve expandir sua consciência, treinando diariamente, até que seu estado normal seja aquele experimentado temporariamente durante sua primeira Iniciação. Para isso, ele se empenhará diariamente em identificar sua consciência com a daqueles com quem se relaciona no dia-a-dia; esforçar-se-á por sentir, pensar, alegrar-se e sofrer como eles. Gradualmente, deverá desenvolver uma simpatia perfeita, capaz de vibrar em harmonia com cada uma das cordas da lira humana. Paulatinamente, deverá aprender a responder às sensações dos outros como se fossem dele próprio, não importando qual a situação deles. Pouco a pouco, através de constante treino, deverá identificar-se com os outros nas mais variadas circunstâncias de suas diferentes vidas. Deverá aprender a lição da alegria e a lição das lágrimas, e isto só será possível quando tiver transcendido a divisão do eu, quando não mais precise pedir nada para si mesmo, mas apenas compreenda que, dali em diante, deverá viver na vida sozinho.

Sua primeira grande batalha representa deixar de lado tudo aquilo que, até esse momento, tenha sido para ele a vida, a consciência e a realidade, e ir adiante sozinho, exposto, não mais identificando-se com nenhuma forma. Deve aprender a lei da vida, somente pela qual a divindade interior pode manifestar-se, a lei que é a antítese do seu passado. A lei da forma toma; a lei da vida dá. A vida cresce quando transborda da forma, nutrida pela inesgotável fonte de vida do centro do universo; quanto mais a vida transborda, maior a afluência interior. No início, poderá sentir-se, o jovem Cristo, como se toda sua vida o estivesse abandonando e como se suas mãos ficassem vazias após terem feito dádivas a um mundo ingrato; a vida eterna só poderá ser experimentada quando a natureza inferior tiver sido definitivamente sacrificada, e, somente então, aquilo que parecera a morte do ser será descoberto como o renascer numa vida mais plena.

A SEGUNDA INICIAÇÃO

Desta maneira, a consciência se desenvolve até completar a primeira etapa do caminho, onde o discípulo vê diante de si o segundo Portal da Iniciação, simbolizado nas Escrituras Cristãs pelo Batizado do Cristo. Assim, ao penetrar nas águas dos sofrimentos do mundo, nas quais todo Salvador de homens deve ser batizado, uma nova torrente de vida divina derrama-se sobre ele; sua consciência o identifica como o Filho em quem a vida do Pai encontra sua perfeita expressão. Sente a vida da Mônada, seu Pai Celeste, fluindo em sua consciência e compreende que é um, não

somente com os homens mas _também com seu sagrado Pai, e que está na terra apenas para ser a expressão da vontade do Pai, seu organismo manifestado. Daqui em diante servir aos homens torna-se o objetivo de sua vida. Ele é o Filho a quem os homens deverão ouvir porque dele flui a vida oculta; e ele tornou-se um veículo através do qual essa vida oculta poderá alcançar o mundo exterior. Ele é o sacerdote do Deus do Mistério, que ergue o véu interior e surge com a glória a brilhar em seu rosto, reflexo da luz do santuário.

É nesse momento que ele começa o trabalho de amor, simbolizado no sacerdócio externo pelo seu desejo de curar e ajudar. As almas amontoam-se ao seu redor à procura de luz e vida, atraídas por sua força interior e pela vida divina manifestadas no reconhecido Filho do Pai. Almas famintas vêm a ele, e ele lhes dá pão; almas perturbadas pelo pecado chegam, e ele as fortalece com sua palavra de vida; almas cegadas pela ignorância procuram-no, e ele as ilumina com a sabedoria. Um dos sinais que caracterizam um Cristo no seu ministério é que os abandonados e os pobres, assim como os desesperados e os degradados, aproximam-se dele sem a sensação de separação, sentindo uma simpatia que os acolhe em lugar de rejeitá-los, pois sua pessoa irradia benevolência e o amor compreensivo flui ao seu redor. Na verdade, eles não sabem tratar-se de um Cristo em evolução, mas sentem um poder que eleva e uma existência que vitaliza; nessa atmosfera, aspiram nova força e esperança.

A TERCEIRA INICIAÇÃO

O terceiro Portal encontra-se diante dele e começa uma nova etapa de sua evolução, com um breve instante de paz, glória e iluminação, simbolizados nas Escrituras Cristãs pela Transfiguração. É uma pausa em sua vida, uma breve interrupção no exercício de sua função, uma viagem à Montanha sobre a qual paira a paz celestial, e lá - lado a lado com alguns que lhe reconheceram sua divindade evoluída - esta divindade resplandece, por um instante, em sua beleza transcendente. Durante esta trégua, ele pode ver seu futuro; uma seqüência de imagens desenrola-se diante de seus olhos antevendo-lhe o sofrimento, a solidão no Getsêmani e a agonia do Calvário. Desde então, seu rosto volta-se com determinação para Jerusalém e para a escuridão em que deverá penetrar por amor aos homens. Ele compreende que antes de atingir a perfeita realização da unidade, deverá experimentar a quinta-essência da solidão. Até agora, embora consciente de sua vida em desenvolvimento, ela parecia-lhe vir de fora; agora compreende que seu núcleo está dentro dele, que na solidão da alma deve experimentar a verdadeira unidade do Pai e do Filho, uma unidade interior e não exterior, e, em seguida, a perda inclusive do Rosto do Pai; para isso, deve ser suspenso todo contato externo com os homens e mesmo com Deus. Percebe que dentro do seu próprio espírito poderá encontrar o Um.

A NOITE ESCURA DA ALMA

Como o momento de escuridão se aproxima, ele se sente cada vez mais angustiado

pelo malogro da simpatia humana, em que se habituara a confiar durante os últimos anos de vida e trabalho, e quando, na hora crucial de sua agonia, olha ao redor em busca de conforto, e vê seus amigos mostrarem-se indiferentes e distantes, parece-lhe que todos os laços humanos foram cortados, que todo amor humano é uma falsidade, toda a fé humana, uma traição; ele é atirado totalmente a si mesmo e descobre que o único laço remanecente é aquele que o une ao seu Pai Celestial e que toda ajuda corporificada é inútil. Diz-se que, nesse momento de solidão, a alma enche-se de amargura e que raramente uma alma atravessa sem um grito de angústia esse abismo de vacuidade; é então que aflora o reproche agonizante: "Não podias ter ficado do meu lado por um instante?" Mas, nesse desolado Getsêmani, nenhuma mão humana pode afagar uma outra.

Uma vez superada a escuridão do abandono humano, apesar do recuo da natureza humana diante do cálice, sobrevém, então, a escuridão mais profunda do momento, em que parece abrir-se um abismo entre o Pai e o Filho, entre a vida corporificada e a vida eterna. O Pai, que já fora conhecido no Getsêmani, quando todos os seus amigos humanos estavam dormindo, agora, na paixão da Cruz, está oculto. É a mais amarga das provações do Iniciado, quando ele perde até mesmo a consciência de sua vida enquanto Filho, e o tão desejado triunfo transforma-se, nessa hora, na mais profunda ignomínia. Vê seus inimigos exultantes ao seu redor, sente-se abandonado por seus amigos e por aqueles que o amavam, sente o suporte divino despedaçar-se abaixo de seus pés e bebe a última gota do cálice da solidão, do isolamento. Nenhum contato com o homem ou com Deus preenche o vazio em que se encontra sua alma desamparada. Então, do âmago de seu ser, que se sente abandonado até mesmo pelo Pai, aflora a súplica: "Meu Deus! Meu Deus! Por quê me desamparaste?" Por que esta prova final, por que esta última experiência penosa, a mais cruel de todas as ilusões? Ilusão, sim, pois o Cristo agonizante está mais perto do que nunca do Coração Divino.

Porque o Filho deve conhecer-se a si mesmo para poder ser um com o Pai que procura, deve encontrar Deus, não só dentro dele, mas como seu Eu mais íntimo; e só ao compreender que o Eterno é ele mesmo e que ele é o Eterno, estará além da possibilidade de sentir a separação. Só e somente então poderá ajudar os seus com perfeição e se tornar uma parte consciente da energia em desenvolvimento.

A GLORIA DA PERFEIÇÃO

O Cristo triunfante, o Cristo da Ressurreição e da Ascensão, sentiu a amargura da morte, conheceu todo o sofrimento humano e ergueu-se acima dele pelo poder da sua própria divindade. Que é que pode agora perturbar a sua paz ou impedir sua mão de estender-se oferecendo ajuda? Durante sua evolução aprendeu a tornar-se receptivo aos problemas humanos e a convertê-los em paz e alegria. Este era o seu trabalho naquela etapa, o de transformar as forças de discórdia em forças de harmonia. Agora deve fazê-lo pelo mundo, pela humanidade da qual floresceu. Assim, os Cristos e seus discípulos, cada um na medida da sua evolução, protegem e ajudam o mundo e, não fosse pela sua presença, cujas mãos sustentam "o pesado

karma do mundo", muito mais amargas seriam as lutas e mais violentos os combates da humanidade.

Mesmo aqueles que se encontram na fase inicial do Caminho elevam-se durante a evolução, assim como todos aqueles que trabalham desinteressadamente pelos outros, embora estes o façam contínua e intencionalmente. Porém, o Cristo triunfante faz perfeitamente o que os outros fazem nas diferentes etapas de imperfeição e, por este motivo, é chamado de "Salvador", sendo que esta qualidade é perfeita nele. Ele salva compartilhando sua vida conosco e não colocando-se em nosso lugar. Ele é sábio e transmite sua sabedoria aos homens, pois sua vida flui nas veias e palpita nos corações de todos os homens. Não está preso a uma forma, mas também não está separado dela. Ele é o Homem Ideal, o Homem Perfeito; cada ser humano é uma célula do seu corpo e cada célula é nutrida por sua vida.

Certamente, não teria valido a pena o sofrimento na Cruz e o Caminho trilhado até chegar a ela, apenas para conseguir sua própria libertação um pouco antes, ou para poder descansar um pouco mais cedo. O lucro teria sido muito pequeno para um custo tão alto e a luta amarga demais para semelhante recompensa. Todavia, o seu triunfo eleva a humanidade e o caminho percorrido por todos torna-se um pouco mais curto. A evolução de toda a raça se acelera; a peregrinação de cada um encurta-se mais ainda. Foi este o ideal que o inspirou durante a violência da luta, que manteve sua força e que aliviou a angústia provocada pelas perdas. Não há um só ser, não importa quão fraco, degradado, ignorante ou pecaminoso ele seja, que não tenha chegado um pouco mais perto da luz, quando o Filho do Supremo completou seu trajeto. Como se acelerará a marcha da evolução à medida que, cada vez mais, estes Filhos surjam triunfantes penetrando na eterna vida consciente! Quão velozmente girará a roda que transporta o homem à divindade, no momento em que mais e mais homens tornarem-se conscientemente divinos.

O IDEAL INSPIRADOR

Nisso repousa o estímulo para cada um de nós que já tenha sentido, nos momentos mais nobres, a atração da vida que mana do amor aos homens. Pensemos nos sofrimentos do mundo, que não sabe porque sofre; na angústia e no desespero dos homens que não conhecem o porquê de suas vidas e de suas mortes; naqueles que, dia após dia, ano após ano, sentem o sofrimento caindo sobre eles mesmos e sobre os outros, sem poder compreender o motivo; naqueles que lutam com temeridade ou que, irados, se revoltam contra situações que não podem compreender ou justificar. Pensemos na agonia originada pela cegueira, na escuridão em que tateiam, sem esperança, sem aspiração e sem conhecimento da vida verdadeira e da beleza existentes do outro lado do véu. Pensemos nos milhões de irmãos nossos que estão na escuridão, e depois pensemos no engrandecimento de nossas energias, originado por nossos sofrimentos, lutas e sacrifícios. Podemos aproximá-los um pouco da luz, mitigar suas dores, reduzir sua ignorância, abreviar sua viagem com destino ao conhecimento, que é luz e vida. Quem de nós que saiba pelo menos um pouco, não

haverá de dedicar-se a estes que não sabem nada?

Sabemos, pela Lei imutável, pela Verdade inalterável e pela Vida e Deus eternos, que a divindade está dentro de nós e que, embora esteja pouco evoluída no momento, tudo nela é de uma infinita capacidade, disponível para o enaltecimento do mundo. Sem dúvida, não haverá, então, ninguém capaz de sentir a pulsação da Vida Divina, que não se sinta atraído pelo desejo de ajudar e glorificar. E se esta vida for sentida, mesmo que debilmente ou por um breve instante, é porque existe no coração a primeira vibração daquilo que se revelará como a vida de Cristo, porque está chegando a hora do nascimento do pequeno Cristo, porque a humanidade espera por ele para florescer.

OS MESTRES COMO FATOS E IDEAIS^[1]

O TESTEMUNHO DAS RELIGIÕES

"Os Mestres como Fatos e Ideais". Coloquei este título duplo pois há quem não Os reconhece como fatos, embora considere o ideal valioso, precioso e inspirador. Nem todos os membros da Sociedade Teosófica acreditam na existência de Mahatmas. Há muitos dentro da Sociedade que não possuem conhecimento ou convicção sobre esse assunto. E norma em nossa Sociedade que nenhuma declaração de fé será exigida àqueles que nela ingressam, salvo a fé na fraternidade entre os homens, sem as diferenças superficialmente estabelecidas. Por isso dentro da Sociedade podem encontrar-se tanto aqueles que acreditam na existência, seja no presente ou no passado, destes grandes Mestres, como aqueles que não acreditam. Todavia, eu, que acredito neles e sei que existem, não estou falando aqui em nome da Sociedade, que não tem credo, mas em meu nome e no daqueles que compartilham esta crença ou conhecimento comigo, e vou expor-lhes o que considero uma prova racional, digna de atenção, sobre a qual vocês poderão meditar nos momentos de lazer e chegar à conclusão que desejarem. Falo, também, em nome do ideal, pois os ideais da raça são preciosos e não podem ser levemente ultrajados ou negados. O ideal do Mahatma é grandioso, a despeito dos risos fúteis provocados pelo nome que, simplesmente, significa Grande Espírito, em sânscrito.

Não foi uma única religião que despertou e elevou as mentes dos homens, não foi uma única fé poderosa que conduziu milhões de pessoas ao conhecimento da vida espiritual e das possibilidades do crescimento humano; tampouco houve alguma que não tenha fundamentado essa crença num Homem Divino e que não se recorde de pelo menos uma dessas Almas poderosas, que trouxeram ao mundo o conhecimento da verdade espiritual, reconhecendo-a como seu Fundador. Seja qual for a maneira pela qual se recordem do passado e seja qual for a crença que adotarem, uma coisa é certa, todas elas estão baseadas nesse mesmo ideal, e procuram o Mestre num Homem que, em vida, foi divino. Em volta desse ideal reúnem-se todas as esperanças dos homens e o destino da humanidade. Pois, se não fosse o homem um Ser espiritual, se não houvesse dentro dele a possibilidade da expansão espiritual, se

não houvesse provas disponíveis de que outros homens se tornaram perfeitos e de que não se trata apenas de um sonho do futuro, mas uma realidade que a raça humana já realizou; e se não fosse verdade que, tanto para vocês como para mim, existem as mesmas grandes possibilidades que, no passado, mostraram-se realizáveis por aqueles que as concluíram com êxito, então as esperanças dos homens não teriam fundamento, suas aspirações à perfeição não teriam a certeza de concretizar-se e a humanidade nada seria além duma coisa do presente, em lugar de ser a herdeira de uma imortalidade infinita. A crença de que o homem pode tornar-se divino tem inspirado os maiores de nossa raça, encorajado os atormentados em sua agonia e glorificado o futuro com a esperança. É por tudo isto que eu defendo o ideal, pois quem é o Mahatma? Ele é o homem que se tornou perfeito, o homem que alcançou a união com o Divino, o homem que, lentamente, através dos diferentes estágios, desenvolveu as possibilidades da natureza espiritual, e hoje mantém-se vitorioso na arena onde nos encontramos em luta. Todas as religiões o testemunharam. Todas as religiões do mundo lembram-se dum Mestre Divino. Poderão ouvir o nome Zoroastro na Pérsia, Krishna na Índia e mais recentemente Buda, ou Cristo na Palestina, cada um deles é o Homem Divino que trouxe a certeza da perfeição humana àqueles que se encontram dentro do âmbito de Sua influência.

UMA TEORIA

Qual será a linha de nossa evidência? Sugiro, em primeiro lugar, uma teoria provável, baseada nas linhas da evolução natural. Em seguida, proponho voltar à prova da existência, no passado, destes Homens Divinos que se tornaram perfeitos e, a partir daí, chegar à prova de sua existência no presente; depois, demonstrar que é possível aos homens tornar-se perfeitos (pois, sem esta última parte, a dissertação seria impraticável para nós), resumindo, ao menos, os métodos pelos quais o Homem Divino tornou-se tal.

Em primeiro lugar, então, vamos à teoria de que a existência dos Mestres é por si mesma provável e está de acordo com a analogia da natureza, assim como a vemos à nossa volta ou como a reconhecemos no passado. Somente uma minoria, provavelmente, contestará hoje a realidade da evolução. Poucos negarão que a nossa raça progride e que, ciclo após ciclo, as nações avançam atingindo um conhecimento cada vez maior, crescendo e desenvolvendo-se cada vez mais. Considerando o extenso período decorrido desde que o homem colocou os pés na terra pela primeira vez, as enormes diferenças que há entre primitivos e superdesenvolvidos e o vasto espaço de tempo transcorrido durante a evolução, não podemos, do ponto de vista teórico, julgar impossível ou absurda a teoria que sustenta que a evolução tenha atingido, no caso de certos indivíduos, um ponto muito acima daquele do homem civilizado de nossos dias.

E isto não é tudo. Não só temos enormes espaços de tempo atrás de nós mas, também, há vestígios de civilizações poderosas que provam ter a raça humana atingido alto grau de conhecimento e de desenvolvimento filosófico, científico e religioso, há milhares de anos. Ou, para ser mais precisa, há centenas de milhares de

anos. Olhando retrospectivamente podem-se ver vestígios de civilizações poderosas que sugerem a presença de homens de uma espécie altamente evoluída e, provavelmente, seja irracional supor que a tão falada evolução não seja nada além dum simples progresso e declínio que nada deixa como resultado, a não ser alguns períodos prósperos de civilizações superiores e depois outros de absoluto barbarismo, e novamente o recomeço da civilização, sem elos que preservem a continuidade do conhecimento. Por isso, não é pelo menos impossível, e daqui a pouco veremos indícios de que é provável, que alguns nesse poderoso passado, tenham-se desenvolvido, elevando-se cada vez mais e aperfeiçoando a raça humana individualmente, até que lentamente, um de cada vez, todos fossem tornando-se perfeitos. Não é impossível, e nem ao menos improvável, se nos lembrarmos de que o progresso é a lei da natureza e do vasto espaço de tempo durante o qual a humanidade tem vivido.

EVIDÊNCIA HISTÓRICA

Mas a partir desta possibilidade, que eu apresento por considerar que é bom excluir, desde o começo, a idéia de que a teoria é, em si mesma, impossível e absurda, tomemos agora a evidência histórica e vejamos se na história não aparecem de vez em quando algumas grandiosas figuras humanas que se destacam dos homens do seu tempo e do nível normal da humanidade; vejamos se não há alguma evidência, que não possa ser negada, de que tais Homens não são meros produtos da imaginação popular, nem apenas homens do passado cujos feitos foram exagerados e engrandecidos pela tradição popular, como aconteceu ao longo de séculos de confusão. Estou falando daqueles Grandes Seres, a quem já me referi, que foram os Fundadores das grandes religiões do mundo.

Não se trata somente da existência de uma tradição intacta, conservada pelas religiões que esses Homens criaram, mas de haver mais do que a tradição e mais do que uma religião que amadureceu; há toda uma literatura notável, definida e precisa, cuja antiguidade não pode ser negada nem ao menos por uma pessoa versada no assunto, embora alguns pretendam atribuir-lhe uma antigüidade maior do que aquele que outros estão dispostos a reconhecer. Tomemos as últimas datas que seriam as admitidas pelos Orientalistas que estudaram a literatura da China, Pérsia e Índia, para não falar em tempos mais recentes. Certos livros são considerados sagrados e a religião tem reivindicado para eles o que pode ser denominado, com exatidão, de antigüidade imemorável. Temos os antigos livros sagrados dos chineses e dos parses, sectários de Zoroastro. Encontramos, na Índia, os Vedas e os Upanishads, sem falar nas obras mais recentes, e poderia ainda citar com certeza de não poder ser contestada, longas listas de obras eminentes tidas como Escrituras pelos adeptos dessas crenças.

Quem escreveu esses livros e de onde veio o conhecimento? Que eles existem, é óbvio. Que têm autores, certamente não pode ser negado. Contudo, essas obras de tempos remotos revelam uma profundidade de conhecimento espiritual, de

pensamento filosófico, de penetração na natureza humana e de instrução moral tão magnificente, que os maiores pensadores de nossos dias, dedicados tanto à moral como à filosofia, devem admitir que atualmente o mundo não pode oferecer nada que sequer se lhes assemelhe em sublimidade.

Não se trata duma questão de tradição, mas sim de livros; nem duma questão de teoria, mas sim de fatos; posto que, sendo os livros tão magníficos, a moral tão pura, a filosofia tão sublime e o conhecimento tão vasto, seus autores devem ter possuído o conhecimento que se encontra dentro deles. E o testemunho de milhões de seres humanos confirma a realidade da verdade espiritual, e as nações são guiadas pelos ensinamentos assim transmitidos. Mas isto não é tudo. Esses ensinamentos se assemelham onde quer que sejam encontrados. A doutrina da unidade da Vida Divina da qual nasceu o Universo é a mesma; a doutrina da identidade do Espírito do homem com o Espírito do qual veio o Universo, é a mesma; também é a mesma a doutrina que sustenta que, através de determinados métodos, o homem pode desenvolver em si mesmo a Vida espiritual e chegar a possuir o conhecimento absoluto da Divindade, sem permanecer apenas na esperança e na fé.

Assim, voltando a tempos remotos, deparamo-nos pelo menos com este fato inegável: no passado distante existiram homens cujos pensamentos foram suficientemente poderosos, cujas morais, suficientemente puras, e cujas filosofias, suficientemente sublimes, para sobreviver às ruínas da civilização e à força destrutiva do tempo. Atualmente, os Orientalistas estão traduzindo, para o ensino do mundo moderno, aquilo que uma vez ensinaram os grandiosos homens de outrora e, nessas Escrituras, que desde tempos remotos vêm transmitindo-se através das gerações, encontram os mais magníficos pensamentos gerados pela raça humana.

O fato que não pode ser negado é que existiram alguns homens muito superiores a nós mesmos, cujo conhecimento foi muito além daquele que possuímos, e que ainda hoje estudamos filosofia e assuntos espirituais inspirados no que foi dito por esses Mestres há milênios. Que houve, no passado, Homens Divinos, aos quais nos referimos como Mahatmas, que deixaram testemunho de sua existência nessa intensa e sublime literatura, é a primeira linha do argumento - a confirmação de sua existência no passado, a prova de que tais Homens existiram e ensinaram e que, através de seus ensinamentos guiaram e ajudaram a milhões de seres humanos. Que seus ensinamentos, em sua essência e força moral, foram semelhantes, que as verdades espirituais enunciadas transmitiram-se imutáveis através dos séculos; são coisas, pelo menos até agora, podemos afirmar com certeza.

As afirmações contidas nessa literatura apelam à experiência humana. Não só declaram que determinadas coisas existem mas, também, que elas podem ser conhecidas. Não só afirmam a realidade da alma, mas que esta realidade pode ser provada; assim, as doutrinas anunciam certos fatos supostos que podem ser eternamente verificados, fornecendo, desta maneira, uma prova continuamente acumulativa da realidade do conhecimento daqueles que foram os primeiros a conceder as afirmações ao mundo.

EXPERIÊNCIA DIRETA

Passemos agora ao próximo ponto do argumento, o de que estas declarações foram verificadas pela experiência e estão sendo verificadas até hoje. Tomemos, por exemplo, um país como a Índia. Encontramos nele uma tradição intacta, uma tradição que se manteve até hoje e que sustenta a constante presença de Mestres que podem ser encontrados, Mestres que possuem o conhecimento insinuado nos livros acima mencionados, e que podem unir o ensino prático às asserções teóricas, permitindo às pessoas verificar, através da experiência, aquilo que naqueles livros se afirma ser verdadeiro. Perguntem a qualquer hindu de hoje qual a sua opinião a respeito deste assunto e, se ele ainda não foi influenciado pelo Ocidente e se conseguirem conquistar-lhe a confiança, lhes dirá que, nesse país, sempre persistiu a crença de que esses Homens existiram no passado e não deixaram de existir no presente; que cada vez mais se isolaram dos lugares habitualmente freqüentados pelos homens e que tem se tornado cada vez mais difícil descobri-los, na medida em que o materialismo tem aumentado e a espiritualidade diminuído; mas que, ocasionalmente, ainda podem ser encontrados e que as primeiras etapas do Caminho ainda estão abertas.

Não somente encontrarão lá esta crença, como também depararão com muitíssimos homens dispersos por toda a Índia que, embora não tendo atingido o estado de Mahatma, alcançaram algumas etapas além do plano físico e desenvolveram poderes e capacidades que a maioria dos Ocidentais considerariam absolutamente impossíveis de serem atingidos. Não me refiro aos Mahatmas, mas sim às centenas de yogues, como são chamados, espalhados pelas florestas e montanhas da Índia, alguns dos quais habitualmente exercitam poderes extraordinários que aqui pareceriam incríveis, mas de que temos constante testemunho verbal através dos viajantes que costumam reunir e tomar nota dos acontecimentos que presenciaram. As primeiras etapas do desenvolvimento do interior do homem não são tão difíceis de se realizar e num país como a Índia, onde não existe o obstáculo do ceticismo a ser superado, pois a crença lá tem persistido por milhares de anos, podem ser encontrados muitos homens que exercitam os poderes físicos mais inferiores, e alguns que foram muito além desse estágio e que exercitam quer as mais superiores faculdades físicas, quer os poderes verdadeiramente espirituais do homem.

Pode-se encontrar, também, homens com experiência individual, com conhecimento pessoal dos Professores, dos Mestres, que treinam seus discípulos no caminho superior, conhecido como Raja Yoga ou Yoga Real, isto é, o Yoga dedicado antes ao treinamento da mente do que do corpo, que trabalha através da concentração da mente, da meditação e do desenvolvimento das faculdades mentais superiores, as quais prestam-se a tantas discussões por aqui; enfim, homens que, por um sistema preciso de treinamento, tornam-se capazes de utilizar, conscientemente, poderes da mente que permitem, a quem os possui, ir além dos limites corpóreos e, dessa maneira, receber a instrução que, então, eles serão capazes de trazer de volta à sua

consciência inferior gravando-a no seu cérebro físico e provando, através do seu conhecimento, a realidade do seu ensinamento e a existência do seu Mestre, de quem obteve esse conhecimento.

Esta então seria a próxima via de evidência disponível. "Disponível? Não à maioria!" - vocês poderão razoavelmente replicar. No entanto, tratando-se de homens e mulheres racionais, certamente deverão se lembrar de que, se desejam conhecimento, devem procurá-lo onde ele possa ser encontrado, e que o fato de haver muitos homens, que nunca investigaram, e nem ao menos tentaram investigar, e que nunca viajaram, a escrever sobre aquilo do qual não possuem nenhum conhecimento é tão absurdo como seria o de um simples hindu, que nunca tivesse participado dos experimentos do Ocidente, chegar, por exemplo, ao Royal Institution, sentar-se, e declarar tais experimentos impossíveis e lúbricos, apenas por não ter estado lá e não ter tido a oportunidade de vê-los sendo executados. Vocês devem lidar com a evidência de maneira racional e, não podendo testemunhar certos fatos ou determinadas fases da vida humana, deverão ou permanecer desconhecedores (e, nesse caso, manter-se calados), ou então aceitar o testemunho daqueles que investigaram cuidadosamente e que colocaram o resultado de tais investigações diante de vocês.

COMO PODEMOS ENCONTRAR OS MESTRES?

Isto me leva à próxima parte do argumento.

Suponham que tais Homens existiram no passado e que reconheçamos, assim como todas as religiões reconhecem o seu Fundador (embora possam não aceitar os Fundadores de outras religiões), que no passado viveram Homens Divinos; suponham que, acreditando na imortalidade do Espírito, admitamos que se eles realmente existiram, devem existir ainda em algum lugar; então, a próxima questão será: Esses Homens do passado existem hoje? Podem ser alcançados? Podem ser conhecidos? Haverá outros que tenham atingido um estágio similar e cuja existência possa ser provada por uma evidência que ao menos mereça consideração? Eles existem ainda?

Adotarei agora o mesmo raciocínio que utilizaria se estivesse tentando provar-lhes a existência de qualquer pessoa residente num país onde vocês nunca tivessem estado e vivendo sob determinadas condições que tampouco tivessem experimentado. Porém, devo admitir que é impossível demonstrá-lo categoricamente em todos os casos. Não posso provar-lhes, por exemplo, a existência do Conde Tolstoi^[2]. Se vocês não viajassem à Rússia ou se ele não viesse aqui e não pudessem conhecê-lo pessoalmente, não poderia provar-lhes categoricamente que ele existe. Contudo, poderia apresentar evidências que convenceriam a qualquer pessoa razoável; poderia oferecer evidências que seriam aceitas num Tribunal; poderia demonstrar que o simples fato de não tê-lo conhecido pessoalmente e, portanto, não ter o que vocês chamariam de prova ocular, não é motivo para negar a sua existência.

H. P. BLAVATSKY

Qual é, agora, a prova da existência de Homens Perfeitos, Divinos, no presente, que podem ser alcançados sob determinadas condições? Como posso provar-lhes isso? Muitos de vocês provavelmente farão objeções à minha primeira testemunha, mas, apesar disso, não vou deixar de mencionar o seu nome. Refiro-me a H. P. Blavatsky. Sei que ela recebeu acusações vindas de todos os lados mas, a despeito delas e após tê-las lido atentamente, posso afirmar que ainda resta evidência suficiente, não atingida por esses ataques, não apenas para colocá-la diante de vocês e permitir-lhes refletir sobre ela, como também para obter o assentimento de homens racionais. Mesmo observando algumas das piores acusações que lhe foram feitas (e que eu negaria), como a de que ela nunca esteve em contato com Mahatmas, que estes não passam de sua invenção, não existindo senão em sua imaginação, e que todas as suas afirmações eram falsas e destinadas a iludir, mesmo assim terão que considerar os fatos de sua vida e dos seus livros.

"A DOCTRINA SECRETA "

Deverão considerar o livro conhecido como "A Doutrina Secreta" e se quiserem entender, deverão lê-lo antes de pô-lo de lado e deverão estudá-lo antes de rir dele. A senhora Blavatsky foi acusada de plágio, de ter tomado trechos de outros livros. Porém, o que devem considerar é o seguinte: ela nunca alegou ter descoberto o conhecimento que deu ao mundo; o que ela sustentava era que este conhecimento vem dum passado remoto e pode ser encontrado em toda Escritura e em toda filosofia; que o propósito desse livro é, precisamente, o de fazer citações de todas as fontes, das Escrituras de todas as religiões e dos escritos de todos os povos, a fim de demonstrar a semelhança existente entre os ensinamentos e provar a antigüidade da doutrina.

A novidade do livro não está nos fatos que nele podem ser encontrados nem naquilo que já foi descoberto pelos Orientalistas e que pode estar indicado em qualquer livro sagrado do mundo. A novidade está no conhecimento que permitiu à sua autora selecionar, do conjunto desses fatos, aqueles que fundamentam uma concepção singular e poderosa da evolução do universo e da evolução do homem, uma síntese coerente de toda cosmogonia. É isto que lhe concedeu a honra de ser a maior professora de nosso tempo, pois era possuidora de um conhecimento real, e não de um simples aprendizado através dos livros, que lhe permitiu selecionar dentre os diversos livros, as verdades que, reunidas adequadamente, deram lugar a uma Única e grandiosa verdade; ela teve em seu poder a chave que lhe permitiu atravessar o labirinto com infalível precisão e demonstrar a possibilidade de se chegar a uma única conclusão a partir do conteúdo de todo esse material disperso. Seu trabalho é dos mais maravilhosos, pois ela o realizou sem ser versada na matéria e sem ter recebido a instrução que a teria capacitado, de certo modo, a reunir todos estes conhecimentos; apesar disso, fez o que nenhum Orientalista conseguiu fazer a despeito de todo o seu conhecimento, e o que nem todos os Orientalistas juntos

conseguiram fazer, apesar do seu conhecimento das línguas orientais e do seu estudo da literatura do Oriente. Nenhum deles conseguiu extrair desse conjunto emaranhado uma síntese tão maravilhosa; nenhum deles foi capaz de transformar esse caos num cosmo. Mas, esta mulher russa, sem ser uma letrada e sem ter pretensões a sê-lo, de alguma maneira conseguiu obter o conhecimento que a capacitou a fazer o que nenhum dos seus letrados conseguiu fazer, e de algum modo obteve a instrução necessária para transformar esse caos em ordem e trazer à luz um magnífico esquema da evolução que nos leva à compreensão do universo e do homem. Ela afirmou que esse trabalho não foi criação sua e nunca atribuiu a origem a si mesma; ela sempre falava a respeito de sua própria falta de conhecimento e, também, sempre fazia referência àqueles que lhe ensinaram.

Porém, o fato com o qual vocês devem concordar é que o conhecimento está aí e permanece aí para ser julgado. Embora o mesmo material que ela utilizou seja acessível ao mundo inteiro, nenhuma outra pessoa fez o que ela fez. Por isso, eu respondo: Dêem-nos outros que possam fazer o que ela fez. Haja mais plágios como este, capazes de reunir de tantas fontes tudo que é necessário para uma magnífica filosofia. Deixem que seus letrados o façam e nos ajudem a compreender as religiões do mundo assim como ela o fez. Deixem que eles nos mostrem a identidade e a realidade e provavelmente então possamos começar a modificar nossa opinião a respeito dela; mas, até isso acontecer, seu direito permanece inquebrantável, ainda que vocês consigam provar que ela cometeu muitos erros e apesar de que lhe sejam atiradas pedras por aqueles que nunca poderão competir com ela no que diz respeito a abnegação, dedicação e conhecimento.

O motivo pelo qual vocês não podem abalar nossa convicção é que ela nos ajudou a chegar ao conhecimento, proporcionando-nos com seu ensinamento aquilo que não obtivemos de nenhum outro, e nos revelou os caminhos para obter maior conhecimento dentro da mesma orientação e proveniente dos mesmos Mestres de quem ela aprendeu. É por isso que permanecemos apegados a ela e à sua memória, como tolos, conforme pensam as pessoas, pois temos para com ela uma dívida de gratidão que nunca seremos capazes de pagar, e não haverá uma só pedra atirada contra seu túmulo que eu não tente remover, em consideração ao conhecimento legado por ela e aos inestimáveis benefícios que obtive através de sua iniciação.

A evidência que ela nos pode fornecer, e para a qual solicito-lhes a devida consideração, não é a do fenômeno. Isso eu estou deixando de lado. Tampouco é a evidência de sua erudição. Ela não a possuía e nunca alegou possuí-la. A questão não é se sua vida, desde a infância, foi ou não perfeita. O relevante é que, de alguma maneira, ela adquiriu um conhecimento preciso, impossível de ser conseguido por meio de um aprendizado normal, e fez isso num período relativamente curto, surpreendendo sua própria família e amigos e alegando tê-lo obtido de certos Mestres, não importando, contudo, a sua via de acesso até ele e sim o fato de possuí-lo.

Esta é a evidência que desejaria salientar, pois este é o ponto que não pode ser

alterado e que afasta seu testemunho, por enquanto, de toda a questão de fraude de qualquer espécie e o coloca acima de qualquer dúvida. O certo é que este conhecimento, materializado em "A Doutrina Secreta", é seu testemunho e posso arriscar-me a afirmar que ele não poderá ser derribado e que quanto mais vocês a rebaixarem e menos caso fizerem dela, mais estarão enaltecendo e ratificando a existência dAqueles Grandes que trabalharam através dela e lhe deram o que ela produziu.

"A VOZ DO SILENCIO"

Há ainda mais uma questão referente a outro livro dela, pelo qual possuo um especial interesse, que provavelmente vocês conheçam. Trata-se do livro "A Voz do Silêncio", redigido enquanto eu estava com ela em Fontainebleau. É um livro pequeno e o que vou dizer refere-se ao livro propriamente dito e não às notas que lhe foram acrescentadas posteriormente. O livro em si mesmo é o que se poderia chamar de poema em prosa e divide-se em três partes. Ela o escreveu em Fontainebleau, e a maior parte foi feita estando eu junto a ela, sentada no quarto enquanto ela escrevia. Sei que o escreveu sem consultar outros livros, redigindo com constância durante horas seguidas, tal como se estivesse escrevendo de memória ou lendo num livro que não existia. Eu a vi produzir esse manuscrito, ao anoitecer, enquanto estava sentada com ela, e eu mesma o li, junto com alguns amigos a quem pedi ajuda, para corrigir possíveis erros de Inglês, pois ela dissera que por tê-lo escrito tão rápido, certamente possuiria erros. Contudo, não lhe alteramos mais do que umas poucas palavras, e mesmo assim, deixando de lado outras considerações, ele representa um espécime literário de maravilhosa beleza. O livro é, como já disse, um poema em prosa repleto de inspiração espiritual e de alimento para o coração, um estímulo à mais elevada das virtudes e contendo os mais nobres ideais. Não se trata de uma mixórdia derivada de diversas fontes, mas sim de um conjunto ético e coerente. Comove-nos, não por uma exposição de fatos retirados de outros livros, e sim por um apelo aos instintos mais divinos de nossa natureza. Constitui por si mesmo o melhor testemunho da fonte que lhe deu origem.

CONHECIMENTO PESSOAL

Passemos agora da Sra. Blavatsky àqueles a quem ela ensinou. Um deles é o Sr. A. P. Sinnett. Há muitos outros morando aqui e em outros lugares a quem ela ensinou no começo e que depois passaram do seu ensino ao de seus Mestres. E aqui vocês têm um testemunho acumulativo de homens e mulheres que, por sua própria reputação, por evidência direta e através de sua própria experiência, testemunharam a realidade da existência desses Mestres, seu conhecimento pessoal deles e os ensinamentos que deles receberam pessoalmente. O Sr. Sinnett fez alusão à evidência que, no seu caso, prolongou-se por mais de quinze anos. Muitos outros o fizeram, como a Condessa Wachtmeister, o Coronel Olcott, e todos aqueles que deram seu testemunho particular. Replicarão que todas estas pessoas são fraudulentas? Com que direito podem acusá-las assim? Dirão que são todos tolos?

Entretanto, ocorre que estes homens e mulheres levam uma vida normal e são considerados, por aqueles que os conhecem, pessoas instruídas e inteligentes que apresentam a mesma capacidade de discernimento e de compreensão dos demais seres humanos. Argüirão que somos todos malucos? Essa seria uma declaração um tanto irrefletida para ser levantada contra homens e mulheres, manifestamente razoáveis, que constantemente aumentam em número. Que outra evidência podem exigir para provar a existência de alguém, a não ser a daqueles que o conhecem e a de pessoas de integridade e respeito que vivem entre vocês? Damo-lhes nosso testemunho pessoal, que não está baseado em documentos, escritos, cartas etc., onde sempre há a possibilidade de surgir uma fraude, e sim na comunhão individual com Mestres individuais e no ensinamento recebido, que de outra maneira não poderíamos ter conseguido. Este é o tipo de evidência que vocês devem considerar, e nenhuma prova de fraude por parte de uma ou outra pessoa perturbará o testemunho acumulativo de homens e mulheres razoáveis, que mantêm contato com esses Mestres e que dão provas daquilo que eles próprios conhecem. Esse é o tipo de evidência que vocês devem refutar, o tipo de testemunho que vocês devem derrubar. E não importa quão divertida possam achar a leitura de textos sagazes e brilhantes que tiram proveito da fraude cometida por uma só pessoa com a finalidade de desacreditar a todas as outras, pois não mais poderão desmerecer este volumoso conjunto de testemunhos por ter provado a fraude dum só homem, o que equivaleria a duvidar, por exemplo, do valor de uma moeda autêntica apenas porque um falsificador tenha colocado em circulação, dentro de uma comunidade, uma moeda falsa sem que as pessoas o percebessem durante algum tempo.

Contudo, vocês poderão dizer: "Queremos ter, nós mesmos, uma evidência direta". Poderão obtê-la, mas deverão encontrar o caminho. Não é uma exigência impossível. Poderão obter essa evidência se se derem ao trabalho de fazê-lo e a isso se dedicarem.

Se quisessem verificar as experiências de algum grande químico, poderiam fazê-lo simplesmente entrando num laboratório e misturando as coisas que nele encontrassem? Se quisessem verificar algumas das mais recentes experiências da química, acham que poderiam fazê-lo sem antes dedicar anos de trabalho e estudo para dominar a ciência em que fossem realizar tal importante experiência? Além disso, que valor dariam à opinião de uma pessoa, totalmente ignorante a respeito da química, que declarasse a experiência impossível de ser realizada, apenas por ela não possuir a experiência e o conhecimento que a capacitariam a realizá-la?

O CAMINHO A INICIAÇÃO

Por essa razão, eu disse que lhes explicaria como alguém se torna um Mahatma. Pois só aqueles que desejam alcançar esse objetivo, podem obter a demonstração categórica da existência daqueles que o conseguiram. Esse é o preço que deve ser pago. Excluindo esta única probabilidade, que é razoável, vocês podem contar com o testemunho de outras pessoas que certamente aceitariam tratando-se de qualquer outro assunto e, pelo qual, num tribunal de justiça, entregariam grandes somas de

dinheiro, amplas propriedades ou qualquer outro bem; testemunho que vocês podem obter apenas examinando a evidência que está disponível e da qual expus um mero resumo. Mas, demonstração pessoal? Para isso vocês mesmos terão que começar a evoluir pelo mesmo caminho através do qual eles obtiveram sua evolução e, a fim de que qualquer um, que assim o deseje, possa iniciar-se nessa linha e segui-la até o seu fim natural, foram divulgadas ao mundo as etapas preliminares do Caminho, as mesmas etapas que são percorridas por aqueles que atingem o conhecimento e que qualquer um pode começar a percorrer, adquirindo, através delas, uma convicção similar àquela que alguns de nós possuímos. Dois pequenos livros, em particular, que delineiam os começos do Caminho, foram publicados; um deles denominado "Luz no Caminho", e o outro, mencionado anteriormente, "A Voz do Silêncio". Além desses livros encontram-se numerosas sugestões dispersas dentro da literatura Teosófica.

Portanto, como poderão começar os homens e mulheres comuns? Se eles desejarem conseguir uma evidência a respeito da possibilidade dessa evolução, que no final culminará no Homem Perfeito (o homem que se tornou Divino), os primeiros passos a serem seguidos são aqueles que toda religião tem pregado, ou seja, esmero e abnegação durante a vida, cumprimento do dever onde quer que um homem ou uma mulher se encontrem na vida. Citando uma frase desse livro: "Sigam a roda da vida; sigam a roda do serviço à humanidade e aos consangüíneos; esta é uma etapa preliminar. Dessa maneira, aqueles que quiserem adquirir o conhecimento da Alma, deverão começar agindo segundo o que sempre foi pregado, ou seja, abandonando os caminhos do mal e dedicando-se à procura do bem, à pureza na vida, ao amor pela humanidade e ao esforço contínuo e desinteressado em ser útil, seja onde for que se encontrem pela lei da natureza. O empenho em cumprir todo dever com perfeição, em viver uma vida que deixará o mundo melhor de como foi encontrado, em viver de maneira nobre, abnegada e pura, são condições impostas àqueles que quiserem encontrar o Caminho.

REENCARNAÇÃO

Agora, devo dizer que, se a reencarnação não fosse uma realidade, essa evolução, sem dúvida, não seria possível. Em nenhuma vida humana poderia ser percorrido esse longo Caminho; em nenhuma Alma recém-nascida poderiam desenvolver-se estas possibilidades divinas. Se não fosse verdade que a Alma do homem volta à terra, vida após vida, trazendo com ela, a cada nova vida, a experiência das anteriores e desenvolvendo características cada vez mais altas no sentido espiritual, então certamente o Mahatma seria uma impossibilidade e a perfeição do homem não passaria de um simples sonho. A reencarnação é aceita como verdadeira em todo este ensinamento e considerada um fato fundamental da natureza, do qual a perfeição do indivíduo depende inteiramente.

VIVER NOBREMENTE

Portanto, um homem, ao longo de muitas vidas, primeiramente, deve propor-se viver

de maneira correta sendo útil e comportando-se nobremente, de modo que possa renascer repetidas vezes com qualidades cada vez mais elevadas e com faculdades cada vez mais nobres.

Em seguida, há um estágio preciso nesta evolução humana, onde a Alma, que durante muito tempo lutou para elevar-se, ergue-se um pouco além da evolução normal do homem. Existem homens e mulheres que são excepcionalmente abnegados, que possuem excepcionais qualidades, intuições, amor pelo espiritual e devoção ao serviço da humanidade, e quando essas extraordinárias qualidades começam a manifestar-se num indivíduo é porque chegou o momento em que um dos grandes Mestres cuidará pessoalmente dele, a fim de guiá-lo na evolução posterior e instruir sua Alma em desenvolvimento. Os primeiros esforços devem ser feitos de comum acordo com as grandes forças espirituais disseminadas pelo mundo inteiro. Porém, quando estas foram utilizadas, quando homens e mulheres fizeram o máximo possível ao longo dessa linha de crescimento espiritual geral, segue-se então o estágio em que o Mestre se faz presente para guiar a evolução posterior e, se esta houver de prosseguir, certas condições serão impostas.

Ditas condições constam nos livros que mencionei anteriormente. Resumidas numa frase, ou melhor, em duas frases, poderíamos denominá-las como "a consciência da inseparabilidade", que explicarei a seguir, e "rigorosa autodisciplina". De um lado, a inseparabilidade, de outro, a autodisciplina. "Inseparabilidade" é um termo técnico que significa o seguinte: você percebe que é fundamentalmente uno com tudo que vive e respira, que não se separa de nenhum ser vivo, nem do pecador, nem do santo, nem do mais elevado, nem do mais inferior da humanidade. Não, nem mesmo dos seres vivos mais inferiores ou daqueles denominados inanimados, sem vida, e os reconhece como sendo, em essência, um, assim como um com seu Eu mais íntimo. De que maneira surgirá essa percepção? Surgirá através do esforço e prática deliberados em começar a se identificar com os sofrimentos, os sentimentos e as necessidades do homem. Dizem-lhe: "Deixa tua alma acolher todo grito de dor assim como a flor de lótus abre seu coração para absorver o sol da manhã. Não deixes que o sol abrasador seque uma lágrima de dor antes de tê-la enxugado tu mesmo do olho de quem sofre.

Mas isso não é tudo. "Deixa que cada uma das ardentes lágrimas humanas pingue sobre teu coração e que lá permaneça. Nunca a limpes até que a dor que a originou tenha sido eliminada.^[3] Há a primeira indicação: Vá até o sofrimento e alivia sua dor, mas, aliviando sua dor, deixa que esta oprima teu próprio coração e deixa-a ficar lá como um sofrimento constante, até que sua causa tenha sido eliminada. Este é o primeiro estágio da inseparabilidade. Identificar-se com as tristezas e as alegrias do mundo; deixe que a tristeza de cada um seja sua tristeza, a dor de cada um, sua própria dor, a alegria de cada um, sua própria alegria. Seu coração deve responder a todas as emoções dos outros corações assim como a corda responde à nota que lhe foi entoada. Você deve sentir a dor, você deve sentir a agonia; você deve sentir o pecado e a vergonha como se fossem seus, torna-los parte de sua própria consciência e suportá-los sem nunca tentar fugir deles. Você deve adquirir uma

sensibilidade que responderá a todos os sofrimentos da humanidade e isto deverá ser realizado tanto na prática como no sentimento, pois mais uma vez lhe é dito que "A inação num ato de misericórdia transforma-se numa ação pecaminosa".

Mas, compreender a dor do mundo e fazê-la sua não é a única coisa que você tem que fazer. Você tem de ser tão duro consigo mesmo quanto é terno com aqueles que o rodeiam. Não pode perder tempo com seus próprios problemas se os problemas do mundo não de ser os seus. Não pode desperdiçar energias lamentando seus próprios pesares se tiver que identificar-se com as desgraças da humanidade. Por isso, diz-se que você deve ser duro como o caroço da manga com respeito a suas próprias dores e sofrimentos, e tenro como sua polpa com respeito às dores e sofrimentos dos outros.

FRATERNIDADE

Desta maneira, vida após vida, você deve exercitar-se, identificando-se cada vez mais com tudo, derrubando tudo aquilo que separa o homem do homem. Por esse motivo a fraternidade constitui nossa única condição, pois o seu reconhecimento é o primeiro passo para a concretização da inseparabilidade, necessária ao progresso do discípulo. E o treinamento preciso para o discípulo é aquele que o torna sensível às tristezas dos outros preparando-o, deste modo, a ajudar, e aquele que exercita sua auto-identificação com o todo de maneira que, finalmente, ele possa transformar-se num dos Salvadores do mundo. Pois, enquanto este treinamento prossegue vida após vida, desenvolve-se gradualmente neste ser humano uma simpatia em constante crescimento, uma compaixão cada vez mais profunda, uma benevolência que não pode ser perturbada e uma tolerância jamais abalada. Nenhuma injúria pode ofender, pois a dor é do seu autor e não daquele a quem se destinava. Nenhum erro pode provocar ira, pois você compreende porque o erro foi cometido e sente pena do autor, não podendo desperdiçar tempo encolerizando-se. Você não perdoará o erro, nem dirá que é justo, não simulará que o bem é o mal, pois essa seria a maior das crueldades e impediria o progresso da raça humana. Porém, mesmo reconhecendo o mal não haverá ira contra o malfeitor, por ser ele uno com sua própria Alma e por não admitir separação entre você mesmo e ele.

Por que tudo isso? Porque, enquanto esse crescimento se processa, as recordações e o conhecimento aumentarão; enquanto esse crescimento prossegue, a existência evoluída do Espírito no interior do discípulo se revelará cada vez mais na conduta do homem e, gradualmente, ele se sobressairá tornando-se um obreiro, um auxiliar e um labutador a serviço da humanidade, trabalhando para ela a fim de torná-la esclarecida, fornecer-lhe conhecimento e revelar-lhe a realidade que subjaz a todas as ilusões do mundo. Além disso, deve ser duro consigo mesmo, pois permanecerá entre o homem e o mal, entre seus irmãos mais fracos e as forças do mal que, do contrário, poderiam esmagá-los.

As explicações dadas aqui a respeito do que deve ser o discípulo, significam que ele

deve ser como uma estrela que dá luz a todos sem tirá-la de ninguém; como a neve que recebe a geada e os ventos cortantes para proteger do frio as sementes que dormem na terra e permitir sua germinação quando chegar a estação do crescimento. Eis a instrução à qual os Mestres Divinos exigem obediência; eis o que eles pretendem dos homens que desejam tornar-se discípulos. Não a realização imediata, mas sim o empenho; não a perfeição imediata, mas sim o esforço; tampouco é exigida, certamente, a revelação do ideal, mas sim a luta por alcançá-lo superando fracassos e desacertos. E agora eu lhes pergunto: Acreditam que aqueles entre nós, que acatamos isto como um ideal e que reconhecemos ser uma exigência que nos é imposta por nossos Mestres, possamos prejudicar a sociedade ou que sejamos apenas os serventes da humanidade obedecendo àqueles cuja lei nos esforçamos em acatar?

Além disso, como já mencionei, vida após vida estas qualidades se desenvolvem, até chegar finalmente o momento em que as debilidades do homem tenham diminuído e as fraquezas da natureza humana tenham sido gradualmente superadas, quando haverá uma compaixão inabalável, uma pureza incorruptível, um imenso conhecimento e uma sensação de despertar espiritual; estas qualidades caracterizarão o discípulo que está se aproximando do limiar da libertação; despontará então o dia em que tiver chegado ao final do Caminho, quando o percurso estará terminado e a última possibilidade de transformar-se no Homem Perfeito surgirá diante de seus olhos. Nesse momento, a terra, tal como era concebida, passa a um segundo plano; mas ele - a Alma liberta (como é chamado), a Alma que conquistou sua liberdade, a Alma que conseguiu superar as limitações humanas - ele permanece no limiar do Nirvana, daquela consciência e bem-aventurança perfeitas que se encontram além dos horizontes do pensamento humano é das possibilidades de nossa consciência limitada. Foi dito que, enquanto ele permanece lá, há silêncio; silêncio na Natureza, pois um de seus filhos está transcendendo-a, silêncio que, por algum tempo, nada poderá perturbar, a Alma liberta conquistou sua liberdade. Finalmente, esse silêncio é quebrado por uma voz; uma voz que em uníssono representa o grito de angústia do mundo que foi deixado para trás. A súplica do mundo em sua escuridão, angústia, fome espiritual e degradação moral. Esse grito, que corta o silêncio que cercava a Alma liberta, é a súplica da raça humana à Alma que se ergueu para além de seus irmãos e encontrou a liberdade, enquanto eles permanecem acorrentados.

A PERCEPÇÃO DA UNIDADE

Como lhe será possível ir além? Vida após vida, ele aprendeu a identificar-se com o homem; vida após vida, aprendeu a responder a todo grito de dor. Pode, agora que é livre, prosseguir e deixar os outros acorrentados? Pode entrar na bem-aventurança deixando o mundo no sofrimento? Ele, a quem chamamos Mahatma, é a Alma liberta que tem o direito de prosseguir mas, em nome do Amor, regressa trazendo seu conhecimento para remediar a ignorância, sua pureza para absolver a infâmia, sua luz para afugentar a escuridão; aceita novamente o peso da matéria até que toda a humanidade seja libertada, e então prosseguirá, não sozinho, porém como o pai de

uma grande família, levando com ele a humanidade para compartilhar do mesmo fim e da mesma bem-aventurança no Nirvana.

Esse é o Mahatma. Vidas sucessivas de esforço coroadas com a suprema renúncia; perfeição obtida através da luta e do trabalho, e depois o regresso para ajudar aos outros a chegarem onde ele chegou. Sua mão está pronta para ajudar a toda Alma que lhe estende as mãos à procura de ajuda. Seu coração responde à súplica de todo irmão que peça sua orientação; e eles estão lá, esperando o momento em que desejemos ser ensinados, dando-lhes a oportunidade de obter o Nirvana, ao qual renunciaram.

UM IDEAL SUBLIME

Este ideal presta-se ao escárnio, ao riso, ou à zombaria? Se ele for apenas um sonho, então é o sonho mais nobre que a humanidade já teve; o mais completo dos auto-sacrifícios e o mais inspirador dos ideais. Para alguns ele constitui um fato, um fato mais real do que a própria vida. Mas, para aqueles que não o consideram como um fato, ele pode ser um ideal; um ideal de auto-sacrifício, de conhecimento e de amor. Que tais Homens existem, alguns de nós já o sabemos. Contudo, ainda que vocês não acreditem neles, não há nada no ideal que não seja nobre e que não possa elevá-los ao pensar nele, aproximando-os cada vez mais da luz.

O cristão possui o mesmo ideal em relação a seu Cristo, o budista, o mesmo ideal em relação a seu Buda. Todas as crenças possuem o mesmo ideal em relação ao Homem a quem consideram Divino. E nós somos testemunho de todas as religiões, afirmando que suas crenças são verdadeiras e não falsas, que seus Mestres são uma realidade e não um sonho, pois o Mestre constitui a concretização da esperança que há no discípulo, a concretização do ideal que exaltamos. E, para alguns de nós que sabemos de sua existência, estes Mestres Divinos são uma inspiração diária. Só podemos entrar em contato com eles na medida em que lutamos por purificar-nos. Só podemos aprender mais na medida em que exercitamos aquilo que eles já ensinaram. Assim, se a princípio falei a respeito da teoria, depois, sobre o passado histórico, mais tarde sobre o testemunho que lhes apresentamos no presente e, finalmente, sobre os passos que todos poderão dar, se assim o desejarem, foi com o único objetivo de resgatar o ideal do ridículo a que foi exposto, da lama que lhe foi atirada e da disputa provocada em torno dele.

Censurem-nos, se assim o desejarem, mas não toquem nesse nobre ideal da perfeição humana. Riam de nós, se o desejarem, mas não riam do Homem Perfeito, do Homem que se tornou Deus, em quem, afinal, a maioria de vocês acredita. Vocês, que são cristãos, não sejam desleais com sua própria religião, considerando seu Cristo, como muitos de vocês o fazem, como um mero objeto de fé ao invés de uma realidade a ser vivida. E lembrem-se, qualquer que seja o nome, o ideal é o mesmo, qualquer que seja o título, o pensamento que lhe subjaz é idêntico.

Aquilo que vocês pensam é aquilo que desenvolvem; gradualmente suas vidas se transformam segundo seus ideais, pois o pensamento possui um poder de transformação tal, que se os seus ideais forem materiais suas vidas serão materiais, e se os seus ideais forem insignificantes, suas vidas também serão insignificantes. Por isso, adotem aquele ideal e pensem a respeito, e sua pureza penetrará em suas vidas; vocês tornar-se-ão homens e mulheres mais nobres, pois ele se converte num objeto de seu pensamento e o pensamento os transforma exatamente à sua imagem. Não há dúvida de que os homens convertem-se naquilo que adoram e naquilo que pensam. Este ideal do Homem Perfeito encerra em si a esperança do futuro da raça humana. Por esse motivo, eu sugiro-o hoje a vocês e lhes aponto o Caminho pelo qual ele poderá transformar-se de um ideal numa realidade viva, de uma esperança, num Mestre vivo. Assim, o sublime ideal de aspiração passará a ser o Amigo e o Mestre a quem poderão entregar suas vidas.

OS INICIADOS QUEM É O MESTRE?

Entre as muitas questões levantadas pela Teosofia, provavelmente nenhuma desperta tanto interesse e suscita tantas perguntas como a dos Mestres. Que é que indica o termo? Quem são eles? Onde moram? Que é que fazem? Estas e muitas outras perguntas são ouvidas constantemente. Tentarei fornecer alguns esclarecimentos acerca dessas questões e respondê-las, ao menos parcialmente.

Mestre é um termo empregado para designar certos seres humanos que concluíram sua evolução humana e atingiram a perfeição humana, não tendo mais nada a aprender no que diz respeito à nossa parte dentro do sistema solar, e que alcançaram o que os cristãos chamam de "Salvação" e os hindus e budistas de "Libertação". Quando a Igreja Cristã ainda mantinha em sua plenitude "a fé outrora destinada aos Santos", a salvação significava muito mais do que escapar da condenação às penas eternas. Significava livrar-se da reencarnação compulsória, pôr-se a salvo de qualquer possibilidade de fracasso na evolução. "Aquele que vencesse" estava-lhe prometido ser "uma coluna no Templo do meu Deus, e nunca mais sairia de lá". Aquele que tivesse vencido estaria "salvo".

A concepção da evolução, que implica numa expansão gradual da consciência, corporificada em formas materiais em constante aperfeiçoamento, fundamenta o conceito da condição de Mestre. A perfeição que sugere há de ser alcançada por todo ser humano e, certamente, a perfeição não pode ser conseguida durante uma breve vida humana. As diferenças entre um homem e outro, entre o gênio e o beócio, entre o santo e o criminoso, entre o atleta e o aleijado, só são reconciliáveis com a justiça divina se cada ser humano estiver progredindo da selvajaria à nobreza e se estas diferenças forem apenas os sinais dos diferentes estágios desse progresso. No ápice de tão longa evolução encontra-se o "Mestre" e nele incorporados os mais altos resultados atingíveis por um homem desenvolvido intelectual, moral e espiritualmente. Ele aprendeu todas as lições que a humanidade pode assimilar e é merecedor de toda experiência que o mundo possa dar. Além deste ponto a evolução é sobrehumana; se o triunfador retornar à vida humana, será através de uma ação

voluntária porque nem o nascimento poderá prendê-lo, nem a morte tocá-lo, a não ser com seu próprio consentimento.

Para completar o conceito da condição de Mestre devemos acrescentar uma coisa. O Mestre deve encontrar-se num corpo humano, deve estar encarnado. Muitos que atingem este nível não mais retornam ao corpo material e, utilizando somente o "corpo espiritual" não entram em contato com a terra, passando somente a habitar reinos existenciais mais elevados. Além disso, um Mestre (como o próprio nome indica) recebe alunos e, se usado com exatidão, o termo só deveria aplicar-se àqueles que desempenham a função especial de ajudar homens e mulheres a trilhar a árdua estrada que os conduz "por um atalho" ao cume da evolução humana, muito acima da maioria dos seus semelhantes. A evolução tem sido comparada a uma estrada sinuosa, que sobe em espiral em torno de uma colina, pela qual, lentamente, avança a humanidade; há um atalho direto para chegar ao cume mas ele é estreito, íngreme e acidentado e "são poucos os que o encontram". Esses poucos são os alunos, ou "discípulos" dos Mestres. Assim como nos dias de Cristo, eles devem "deixar tudo e segui-Lo".

Aqueles que se encontram neste nível mas que não recebem alunos dedicam-se a servir ao mundo de outras maneiras, a respeito das quais serão mencionadas algumas coisas mais adiante. Não existe neste idioma uma denominação apropriada para distingui-los dos professores, por isso, forçosamente, o termo "Mestre" aplica-se também a eles. Na Índia, onde estas variadas funções são reconhecidas como vindas de uma antiguidade remota, existem nomes diferentes para cada uma delas, mas seria difícil popularizá-las neste idioma. (O idioma a que se refere a autora é o inglês. N. T.)

Podemos, então, definir um Mestre da seguinte maneira: Um ser humano que se aperfeiçoou e que não tem mais nada a aprender na terra, que vive num corpo humano sobre a terra para auxiliar os homens e que recebe alunos que desejam evoluir rapidamente a fim de ajudar, estando dispostos a abandonar tudo por esse propósito.

HOMEM PERFEITO, SEU LUGAR NA EVOLUÇÃO

Provavelmente seja necessário acrescentar, a fim de esclarecer àqueles que não estão familiarizados com o conceito Teosófico da evolução, que ao dizer "homem perfeito", estamos exprimindo um significado muito maior daquele que a expressão geralmente implica. Referimo-nos a uma consciência capaz de atuar inteiramente através das cinco grandes esferas em que a evolução se processa: a física, a intermediária e os mundos celestiais, com as quais todos os homens encontram-se relacionados, e, além dessas, os dois céus mais elevados (pode-se lembrar que São Paulo fala do "terceiro céu") em que a humanidade mediana ainda não pode entrar. A consciência dum Mestre sente-se à vontade em todas essas esferas. Envolvendo-as totalmente, e através de seus corpos refinados e sutis, que se movimentam

livremente por todas elas, ele pode, no momento em que o desejar, conhecer e agir em qualquer parte de qualquer uma delas.

Na grande Irmandade, cujos membros passaram além da evolução normal, o grau ocupado pelos Mestres é o quinto. Os quatro graus inferiores são ocupados pelos discípulos iniciados, que, em geral, vivem e trabalham como desconhecidos no dia-a-dia do mundo, executando a tarefa que lhes foi designada por seus superiores. Em determinadas épocas da história da humanidade, durante as graves crises, nas transições de um a outro tipo de civilização, os membros da Hierarquia Oculta, os Mestres e até mesmo os Seres elevados surgem no mundo; normalmente, embora encarnados, permanecem em pontos afastados e solitários, longe do tumulto da vida humana, a fim de conduzir o trabalho de auxílio que seria impossível realizar nos lugares de grande concentração humana.

ONDE VIVEM?[\[4\]](#)

Vivem em diferentes países espalhados pelo mundo.

O Mestre Jesus vive normalmente nas montanhas do Líbano; o Mestre Hilarion, no Egito (num corpo cretense); os Mestres M. e K. H., no Tibet e, perto de Shigatse, ambos em corpos hindus; o Mestre Rakoczi, na Hungria, embora viajando muito; não sei onde vivem "os Venezianos" e o Mestre "Serapis". Os lugares onde o corpo físico vive significam muito pouco quando os ligeiros movimentos do corpo sutil, que pode libertar-se do mais denso quando quiser, podem a qualquer momento transportar seu dono para onde ele desejar. O "lugar" perde seu significado habitual quando se refere àqueles que são habitantes livres do espaço, que vão e voltam à vontade. E, embora se saiba que eles têm lugares permanentes onde geralmente reside o corpo físico, o "onde" perde, em grande parte, seu interesse pois esse corpo constitui mais uma espécie de roupa que a qualquer momento pode ser facilmente posta de lado.

SEU TRABALHO

Eles ajudam de inúmeras maneiras o progresso da humanidade. Desde a esfera mais elevada irradiam luz e vida ao mundo inteiro, e estas podem ser absorvidas e assimiladas tão livremente quanto a luz do sol por todos aqueles que sejam o suficientemente receptivos para acolhê-las. Tanto a vida do mundo material como a do mundo espiritual são conduzidas por Deus, mas enquanto o sol se centraliza na primeira, é a Hierarquia Oculta quem o faz na segunda. A seguir, os Mestres, particularmente ligados às religiões, utilizam-nas como depósitos onde despejam a energia espiritual a ser distribuída aos fiéis de cada religião através dos "meios de graça" devidamente estabelecidos. Depois vem o grandioso trabalho intelectual, durante o qual os Mestres emitem modelos de pensamento de alto valor intelectual para serem captados pelos homens com vocação que terão que assimilá-los e divulgá-los ao mundo. Nesta fase, manifestam também seus desejos a seus discípulos, notificando-os sobre as tarefas que devem realizar.

Mais tarde vem o trabalho no mundo mental inferior, a criação de modelos de pensamento que influenciam a mente material conduzindo-a através de linhas de atividade produtivas no mundo, e o ensino àqueles que vivem no mundo celestial. Depois, as amplas atividades no mundo intermediário, a ajuda aos chamados mortos, orientações gerais e supervisão do ensino aos alunos mais jovens, e o envio de ajuda em inúmeros casos de necessidade. No mundo material, a vigia de possíveis acontecimentos, a correção e neutralização, até onde a lei o permite, das tendências do mal, o equilíbrio constante das forças que trabalham a favor e contra a evolução, o fortalecimento do bem e o enfraquecimento do mal. Em conjunto com os Anjos das Nações, eles também trabalham guiando as forças espirituais, assim como os outros guiam as materiais, escolhendo e rejeitando os atores do grande Drama, fornecendo os impulsos necessários na direção certa.

Estas são apenas algumas das atividades incessantemente levadas adiante, em cada uma das esferas, pelos Guardiões da humanidade, algumas das atividades que nossa limitada visão consegue observar. Eles são como um Muro de Proteção em torno da humanidade, dentro do qual esta pode progredir sem ser esmagada pelas tremendas forças cósmicas, continuamente descarregadas ao redor de nossa casa terrestre. De vez em quando, um deles surge no mundo dos homens como um notável professor religioso, para dirigir a tarefa de difundir uma nova versão das Verdades Eternas, uma versão que se adapte a uma nova civilização. Nesse grupo incluem-se os maiores Profetas dos Credos do mundo, e enquanto uma religião existe, sempre há Um deles liderando-a e cumprindo a missão especial de zelar por ela.

[1] Palestra proferida em Londres em 1895

[2] Discursado em 1895.

[3] Do livro *The Voice of the Silence*. As outras citações pertencem ao mesmo livro.

[4] Explicação mais detalhada encontra-se no livro *The Masters and the Path* de C. W. Leadbeater. [Publicado pela Ed. Pensamento com o título *Os Mestres e a Senda*.]